

Entrevista concedida por Dick Allwright¹ à Revista *Soletras*

Tradução: Lourdes Sette (PUC-Rio)

Dick Allwright, um dos mais influentes linguistas aplicados da área, aposentou-se em 2003 depois de uma longa e brilhante carreira acadêmica no ensino de linguística aplicada nas universidades de Essex e Lancaster. O Professor Allwright ainda trabalha em seu interesse pelo desenvolvimento do professor, especialmente do aprendiz, através da noção da “Prática Exploratória”, uma forma de pesquisa do praticante que envolve professores e alunos trabalhando juntos, durante as aulas de idiomas, para explorar e desenvolver produtivamente seus entendimentos sobre suas vidas em sala de aula. Em 2009, com Judith Hanks, publicou seu terceiro livro: *The Developing Language Learner: An Introduction to Exploratory Practice* (Palgrave).

Soletras: *Por que, após ter atuado por tantos anos como um pesquisador acadêmico, você fez uma mudança tão significativa ao voltar-se para a Prática Exploratória?*

Eu estava cada vez mais desiludido com a pesquisa acadêmica em sala de aula, porque, na maioria das vezes, ela parecia incapaz de evitar ser parasítica ao gastar os preciosos tempo e energia da sala de aula sem jamais conseguir oferecer, de forma apropriada, qualquer benefício prático concreto aos que tinham, de fato, contribuído com seu tempo e energia. E também não beneficiava outras pessoas, uma vez que havia o problema de comunicar qualquer resultado até para os professores, que dirá para os aprendizes. E isso me ocorreu, enquanto percebia que aqueles que mais precisavam entender o que está acontecendo na vida em suas salas de aula são os próprios professores e aprendizes (muito mais do que pesquisadores acadêmicos, como eu, que só ‘precisam’ entender desse assunto para desenvolver suas carreiras acadêmicas?). A Pesquisa-ação – uma vez que pretendia ser uma pesquisa realizada por professores em suas próprias salas de aula e, portanto, ser, no mínimo, uma garantia contra o parasitismo – parecia oferecer uma boa solução, mas percebi que ela não era satisfatória, visto que parecia, de fato, estar determinada a encontrar soluções imediatas para os problemas, em vez de tentar entender a situação-problema em si.

Enquanto escrevia, juntamente com Kathi Bailey, nosso livro de 1991 sobre pesquisa em sala de aula (ver o Epílogo do livro), tentei imaginar um novo tipo de relação entre pesquisadores acadêmicos e professores (eu ainda não havia chegado propriamente ao ponto de incluir os alunos nessa equação). Naquela altura, só conseguia imaginar acadêmicos como eu tentando oferecer um serviço de consultoria aos professores que tinham projetos de

¹ Entrevista concedida a Inés K. Miller e Isabel C. R. Moraes Bezerra, editoras do número 35 da Revista *Soletras*.

pesquisa em sala de aula, mas sempre rigidamente dentro dos termos da instituição, não dos nossos. No início dos anos 1990, quando trabalhei, no Rio de Janeiro, com professores da Cultura Inglesa, percebi que alguns deles não só já estavam trabalhando para entender a vida em suas salas de aula, mas também já incluíam seus alunos nesse trabalho de entendimento. Na verdade, essa era simplesmente uma boa prática profissional, e achei que ela merecia ser louvada e ajudada a se desenvolver. Essa decisão foi bem recebida na Cultura, onde eu trabalhava não só com funcionários da Cultura, mas também entre os professores, como Inés K. Miller, que, além de serem pesquisadores acadêmicos, eram também professores de língua estrangeira. Dessas conexões, surgiu o Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro, que partiu das ideias discutidas no Rio e as desenvolveu (ver capítulo 14, em ALLWRIGHT e HANKS, 2009).

Soletras: *Como você vê, ao longo das últimas duas décadas, a evolução da Prática Exploratória no ensino/aprendizagem de línguas, na formação de professores e na pesquisa?*

Para mim, dois desenvolvimentos se destacam. Em primeiro lugar, levamos alguns anos para realmente trabalhar a ‘inclusão’, ou seja, pretendíamos encontrar maneiras de fazer os aprendizes serem o que propunham, o que desejavam entender melhor em sua vida em sala de aula, em vez de simplesmente aceitarem ajudar os professores a entenderem os *puzzles* deles (dos professores). Em segundo lugar, começamos lentamente a perceber que o que a PE parecia estar fazendo em sala de aula – quando parecia estar resolvendo problemas ao simplesmente envolver as pessoas no trabalho de entendê-las – ajudava a desenvolver uma atmosfera de confiança mútua na sala de aula, entre professores e aprendizes, e entre os aprendizes. Portanto, talvez o crucial tenha sido o estabelecimento da confiança. Mas também parecia mais produtivo que o estabelecimento dessa relação de confiança fosse um subproduto natural do trabalho de entendimento, em vez de qualquer tipo de objetivo declarado.

Além desses dois fatos, percebemos também que a PE pode contribuir para combater o ‘esgotamento’, ao restaurar a fé dos professores na possibilidade de terem prazer no magistério (uma possibilidade que também parecia estar diretamente relacionada à perspectiva de estabelecerem uma confiança mútua). Seguindo essa linha de raciocínio, surgiu a ideia de que, se os professores pudessem entrar em contato com as ideias da PE no início de sua formação, teriam os meios para combater o ‘esgotamento’, se algum dia se sentissem à beira de um. Tínhamos em mente os professores que estão sob uma pressão constante para se

‘aperfeiçoarem’ adotando as mais recentes ideias pedagógicas, mesmo que nenhuma autoridade tenha, de fato, tentado descobrir se as ideias mais recentes são apropriadas para a situação.

Soletras: *De seu ponto de vista, onde a Prática Exploratória teve um desenvolvimento mais significativo e por quê?*

Onde é ambíguo, claro: em que lugares, ou em que circunstâncias, ou de que formas? Abordei as ‘formas’ em minhas respostas anteriores e, uma vez que estou aposentado faz quase quinze anos, não posso dizer que esteja atualizado a respeito do que vem acontecendo pelo mundo.

O Brasil continua sendo claramente o líder mundial na inclusão total dos alunos (como vemos anualmente nos incríveis e inspiradores “Eventos de Prática Exploratória” no Rio de Janeiro, em que o número de aprendizes que apresentam seus “trabalhos para entender” supera os de professores). É um ponto alto da minha vida como aposentado ainda poder, por Skype, visitar esses eventos anuais, e até mesmo contribuir para eles, apesar de remotamente. Mas o Rio de Janeiro também é líder no desenvolvimento da PE em cursos de formação de professores (licenciaturas) e em pesquisas acadêmicas que envolvem PE.

Essa prática também é forte nas áreas de Inglês para Fins Específicos e na de Desenvolvimento Profissional Contínuo. Gostaria de poder falar mais sobre o assunto, mas sei que minha amiga e colega Judith Hanks está trabalhando em um abrangente ensaio que traz o estado da arte no tema e cuja publicação aguardo ansiosamente, pois ampliará meus horizontes no que diz respeito a esses novos desenvolvimentos em PE. Sei que a PE também formou vínculos intelectuais com a área de Estudos de Administração (por meio de Akira Takino, no Japão) e com as tradições filosóficas chinesas e europeias (por meio de Zongjie Wu, na China).

Tudo que talvez eu possa acrescentar aqui é que o desenvolvimento da PE depende, como sempre dependeu crucialmente, do entusiasmo dos indivíduos, e não da adoção formal dessa prática por instituições. Na verdade, o acolhimento institucional da PE sempre foi visto com certa desconfiança, pois tais desenvolvimentos sempre parecem, no mínimo, enfraquecer – senão é que, de fato, distorcem desesperadamente – as ideias e princípios fundamentais da prática.

Soletras: *Você diria que a Prática Exploratória tem uma ‘essência’ ou ‘jeito de ser’ próprio? Ou seria possível dizermos que ela é ‘sensível’ aos participantes e seus contextos?*

Para mim, a ‘essência’ é, provavelmente, a disposição para adiar a busca por ‘soluções’ até que tenha sido feita uma tentativa séria de entender a situação que aparentemente precisa de uma ‘solução’. A história da PE nos ensinou que, muito frequentemente, esse ‘trabalhar para entender’ ajuda bastante a criar uma nova situação na qual o problema original é, em grande parte, resolvido.

Soletras: *Tendo em mente tudo que você já publicou sobre Prática Exploratória, e considerando a situação política, econômica e social na qual professores, estudantes e formadores de professores se encontram atualmente, sobretudo no Brasil, o que você gostaria de dizer para eles?*

Digo que, mais do que nunca, precisamos da inclusão oferecida pela PE e, através dela, da construção de confiança mútua que ela cria entre professores e alunos, e entre os alunos.

Soletras: *Ficamos sabendo sobre o seu envolvimento com trabalho voluntário com refugiados. Você poderia nos contar um pouco como tem sido esse trabalho e se a Prática Exploratória teve alguma participação nele?*

Em primeiro lugar, trabalhamos como pessoas que podem ajudar os refugiados a melhorarem sua comunicação em inglês, porém, mais recentemente, mudamos de foco e assumimos o papel mais abrangente e informal de *befrienders*. Para nós, isso significa estarmos em contato com os requerentes de asilo político, enquanto passam pela experiência traumática de esperar (em alguns casos, por mais de um ano) que nosso governo decida o futuro deles, e tentarmos ajudar na medida do possível. Quando eles finalmente conseguem a autorização de permanência definitiva (status de refugiado), ainda podemos continuar por perto para apoiá-los enquanto trabalham para se adaptar à vida em Lancaster.

Acredito que a maior contribuição da PE tenha sido simplesmente a ênfase na compreensão e, com ela, a aceitação da imensa complexidade de cada um dos casos, individualmente. E isso sempre significa dizer que não faz o menor sentido tentar simplificar a vida ignorando as complicações. É preciso apenas reconhecer as complexidades e trabalhar com elas. Em Lancaster, por exemplo, estamos trabalhando com um grupo de refugiados

‘sírios’ que são, certamente, pessoas da Síria, mas que têm uma história como refugiados na Síria, pois seus antepassados palestinos deixaram Israel em 1947. E até mesmo a geração atual ainda é de palestinos na Síria, uma vez que o regime sírio nunca permitiu que se tornem cidadãos sírios. Tentar ignorar um passado de tamanha complexidade não ajuda ninguém. A PE também pode ter ajudado de outra maneira. Sempre achamos útil trabalhar a partir do que os refugiados desejam entender melhor, em vez de trabalharmos a partir do que julgamos que eles podem precisar entender melhor. Isso é apenas bom senso, mas nem sempre é fácil ter.

Soletras: *Alguns membros do grupo de PE do Rio estão pensando em se aposentar; estamos ansiosos e curiosos para saber como é o “dia seguinte”. A PE é uma parte tão grande de nossas vidas pessoais e profissionais que gostaríamos de lhe perguntar: como você está lidando com a vida de aposentado? Ou melhor, como é ser um praticante de Prática Exploratória aposentado?*

Acho que já comentei muito sobre minha “vida de aposentado” na resposta anterior, quando falei sobre nosso relacionamento com requerentes de asilo político e refugiados. Não tenho muito mais a acrescentar, exceto talvez que o que escrevi sobre esse relacionamento é um exemplo de PE como uma forma de estar no mundo. Assim, como mencionei naquela resposta, parece ser mais uma questão de bom senso do que de qualquer tipo de perspectiva radicalmente especial. Portanto, seguimos vivendo (promovendo a Campanha para o Desarmamento Nuclear, trabalhando com o Grupo de Aposentados (*Pensioners Campaign Group*) para defender local que o Sistema Nacional de Saúde (NHS), entre outras coisas) com a convicção de que é importante tentar entender o que acontece a nossa volta e tentar praticar a inclusão (isto é, ajudar o próximo, como os netos, por exemplo, a desenvolverem seus entendimentos). Mas, de qualquer forma, isso parece ser o que todo mundo já está fazendo.

12 de abril de 2018.